

De olhos bem fechados [Eyes Wide Shut] de Stanley Kubrick (1999)
CINE CLUBE, 13 Outubro 2015
BIBLIOTECA, FCT/UNL

“Cegueira majestosa e lucidez sonhada, ou a arte de disciplinar a inocência no filme *Eyes Wide Shut* de Stanley Kubrick”

Christopher Damien Aretta

Este derradeiro filme de Stanley Kubrick, com base numa *novella* do escritor austríaco Arthur Schnitzler (publicada em 1926), que Kubrick pensara transpor para o ecrã já nos anos 60, inicialmente como projecto fílmico a seguir ao seu *2001, Uma odisseia no espaço*, chegou a um estado provisoriamente final em 1999, ano da sua estreia internacional. Kubrick faleceu seis dias depois de mostrar um “cut” a Nicole Kidman, Tom Cruise e executivos da Warner, i.e., antes de poder continuar a trabalhar no filme – o seu costume – na fase da pós-produção,

Eyes Wide Shut: o título sugere o estado de vigília e, em simultâneo, o do sonho (contrariando a expressão habitual “eyes wide open”) numa proximidade sintáctica e orgânica irresolúvel. Assinalam dois estados que dificilmente exprimem uma realidade una, transparente, ou lógica. O elemento de insustentável ambiguidade, que contudo persiste, permeia todo o filme, contribuindo para a criação de ambientes saturados de conflitualidade e sedução, de ameaça indeterminada e de normalidade desestabilizada. Perante o intenso cromatismo do filme (quadros, interiores, vestuário, máscaras, a própria pele dos corpos desnudados), a sua banda sonora, ora majestosa ou iniciática, ora persecutória ou, até, de um sentimentalismo programado, o enredo ostensivamente linear (que relata eventos que decorrem ao longo de três dias e três noites) e que possui, no entanto, a lentidão ritual dos sacrifícios (na intersecção do erótico e do místico, do carnavalesco e do sórdido) e os automatismos banais do quotidiano, como havemos de compreender a grandeza de propositada desproporção e obsessão labiríntica deste filme (pois todos os elementos do filme regressam a um misterioso ponto de origem nunca explicitado, ao modo do *retorno do reprimido* num *looping* desconcertante sem fim, de reminiscência freudiana)? Com efeito, *Eyes Wide Shut* resiste a uma leitura única, ou unidimensional, ou, ainda menos, final. Contudo, bem ao contrário do casal constituído pelo médico Bill Harford e a sua mulher Alice, que se debate com os seus demónios dentro dos parâmetros do universo conjugal e familiar que ambos construíram, eis o cinema como a arte de olhar *propositadamente* aberto e, em simultâneo, oniricamente encriptado. Entre a lentidão ritual e o retorno repetido ao quotidiano familiar (doravante desestabilizado), Kubrick desencadeia uma obra de sumptuosa ambiguidade e catarse negada. (Será que alguma vez as personagens escapam a este olhar cadenciado do realizador que mostra tudo sem revelar nada? Será que o sonho se assemelha ao olhar do realizador, i.e., que, como ele, encena um *puzzle* sem fornecer todas as peças, que se manifesta em cenários (ora banais, ora sumptuosos) sem facultar a chave interpretativa, que sugere uma linguagem simbólica por detrás da superfície plana da vida habitual sem nunca se desmascarar definitivamente?)

Tudo o que possui presença neste filme, tem significado. Tudo o que nele significa oculta outro significado porventura maior, que nunca se revela. Entre um e outro, resta o quê? Como no seu filme *2001, Uma odisseia no espaço*, Kubrick promulga o contacto entre duas escalas de significação, desencadeando, em consequência disso, uma crise e/ou um estado transicional nas personagens: ora um passo evolutivo, ora uma metamorfose de ordem cognitiva, ora um mal-estar quotidiano mas sem diagnóstico definitivo. O olhar de Kubrick é em si um olhar de efeito metamórfico. Mas o seu olhar não traz nenhuma catarse, o que é como quem diz: a máscara fica perto, por vezes tão perto que se avista poisada em cima da nossa almofada, ao lado do/a cônjuge que dorme (e sonha). (Onde acaba a máscara e onde começa o rosto se, nesta obra de Kubrick, tudo leva a crer que a própria pele é o cenário de crimes, desejos e territórios em grande parte desconhecidos e/ou inconfessos?)

Com efeito, o quotidiano é tributário da linguagem oculta do desejo, de tudo o que extravasa o quotidiano pacato, ou burguês, ou comprado, de tudo o que faz da vida uma encenação de poderes prodigiosamente próximos e, contudo, ignotos. Assim entendido, uma (banal?) mesa de bilhares, vista em casa do doente opulentamente rico de Bill Harford, de nome Victor Ziegler, pode aparentar-se com o misterioso (e iniciático) monólito patente no filme *2001*, tornando-se a consubstanciação inexplicável de uma força cósmica, ou uma nova manifestação do *maná* (força cósmica que transforma objectos e/ou pessoas investindo-os com os poderes elementares da Natureza). Kubrick pressentiu na *novella* de Schnitzler um criador irmanado: ambos imaginam o mundo por nós habitado como um cenário sem fim, do qual não acordamos nunca por completo; que somos emissários do sonho muito mais do que sonhadores autónomos; que a vida é um ritual e nós a encarnação de uma antropologia menor; que somos um pouco como marionetas que outros controlam e habitam, permeiam e sugestionam; que eros é uma odisseia que faz de nós náufragos e que faz do nosso quotidiano um frágil apeadeiro.

O filme de Kubrick, como a sua filmografia no seu todo, revela-nos o que as personagens só ostensivamente chegam a compreender: em última instância, não há cenários mas, antes, um estado de quase insuportável cegueira que a vida nos obriga a admitir. Prodigiosa cegueira que o nosso olhar doravante vê com admirável lucidez.

Ver: Traumnovelle - Dream Story - subtitled (1969):
<https://www.youtube.com/watch?v=inJp4rPyLrU>

“As relações entre os homens são inseparáveis das dinâmicas do poder, e neste último filme Stanley Kubrick volta a analisar o conflito incessante do ser humano entre o desejo de posse e o medo da perda. Não é por acaso que o ensaio de Emiliano Morreale publicado em ‘Cineforum’ (389, Novembro 1999) tem como título *Macrofísica del potere*, aprofunda precisamente este assunto e define *Eyes Wide Shut* como o mais político dos filmes kubrickianos: ‘Eyes Wide Shut é um filme povoado de criados, camareiros, subalternos: a babysitter porto-riquenho, a criada filipina dos Nathanson, o mordomo idosos que entrega a mensagem, os gorilas e os acompanhantes do castelo. E quase todas as relações são relações entre servos e senhores: a secretária do médico, o pianista Nightingale, o taxista, a prostituta, são de algum modo sempre pagos pelo protagonista ou pelos seus comparsas. O personagem de Cruise é antes de mais um sujeito de poder. Assim sendo, a figura da mulher (que não trabalho, fica em casa, não faz nada) reveste também inevitavelmente este aspecto. *Eyes Wide Shut* é um filme de ficção científica e de filosofia da história, mas é também e acima de tudo um grande filme, uma hipótese de filme definitivo, sobre a burguesia, partindo de uma perspectiva excêntrica como a sexualidade”’. (Enrico Ghezzi, *K, Kubrick*, trad. António Rocha, Cinemateca Portuguesa, Museu do Cinema, 2003, pp. 206-07.)

PORTAIS EM TORNO DO FILME (1999):

- <http://www.visual-memory.co.uk/amk/doc/0085.html> (o guião original)
- <http://sensesofcinema.com/2002/great-directors/kubrick/>
- <http://lovepile.tripod.com/ewsx.html>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Eyes_Wide_Shut
- <http://www.indelibleinc.com/kubrick/films/ews/reviews/harpers.html>
- <http://illuminatiwatcher.com/illuminati-symbolism-and-analysis-of-eyes-wide-shut/>
- <http://www.theguardian.com/film/movie/76659/eyes.wide.shut>
- <http://www.theguardian.com/film/1999/sep/12/philipfrnch>
- <http://www.theguardian.com/film/1999/sep/10/3>

PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR Stanley Kubrick (1928-1999):

- <http://www.visual-memory.co.uk/amk/>
- <http://www.imdb.com/name/nm0000040/>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_Kubrick
- <http://www.imdb.com/name/nm0000040/bio>
- <http://www.visual-memory.co.uk/amk/doc/milestones.html>
- <http://sensesofcinema.com/2002/great-directors/kubrick/>